

APRESENTAÇÃO

A iniciativa de reunir neste livro artigos de autores que vem refletindo sobre os diversos estados psíquicos na contemporaneidade, deve-se ao fato, de estarmos inseridos num contexto sócio-político-econômico atravessado pelos ditames de um sistema capitalista que vem atingindo seu ponto máximo de degenerescência : o *embalamento*¹ do mundo marcado pela lógica das *acelerações* e *acumulações*, palavras que regem as novas economias psíquicas.

A era digital onde a comunicação atingiu um estatuto globalizado devido ao fato da facilidade e instantaneidade na qual as redes sociais funcionam terminam por instalar uma dinâmica particular na relação espaço/tempo. As redes sociais são constituídas de tecidos relacionais através de uma lógica rizomática, não-linear, variável e descontínua. Neste contexto, as relações tecidas ilustram o efêmero que acompanha os enlaçamentos forjados num tempo *líquido* onde tudo é feito para não durar para retomar uma expressão de Zygmunt Bauman. Um rede serve ora para conectar, ora para desconectar. Assim, assistimos emergir uma lógica das relações humanas virtuais marcadas por inclusões e exclusões drásticas. O fato que o artefato seja concebido em torno de uma triplíce ausência : ausência de distância, ausência de tempo e ausência de corpo físico, coloca o humano, muitas vezes, numa posição de não engajamento ao outro. Vivemos numa crise da palavra, uma crise da transmissão diante deste afluxo constante de informações cuja descontinuidade nos coloca no lugar de expectadores passivos, nos retirando, via de regra, a faculdade de nós *auto regular*, de agir, conservando nossas capacidades singulares de aprofundamento e reflexão face a este *embalamento* do mundo.

1. A palavra « embalamento » aqui trás sentido etimológico do verbo « embarlar-se », mais precisamente, quando nos referimos a um corpo que se projeta num movimento rápido, precipitado, numa pura **ação acelerada sem pensamento**. O embalamento do mundo é regido pela lógica da aceleração, sempre mais rápido, mais alto, mais forte.

A geração atual, representada pelos nossos adolescentes nascidos na era digital, vive a relação ao tempo e ao espaço marcada pelo selo da instantaneidade no uso dos aplicativos de comunicação. As consígnias que regem as relações virtuais são de *se filmar, comentar, exibir, comprar e comparar*. Estes fenômenos nos revela a que ponto, os jovens usuários estão tomados nesta lógica do sistema neoliberal capitalista onde o sujeito vale pelo que possui e não pelo que é. O desejo habita a ansiedade e se perde numa consumação imediata, relações sociais marcadas pelo espetáculo, onde o objetivo é de mostrar-se aos outros, demonstrando grande incapacidade a viver profundamente o que a vida nos apresenta. Nos encontramos então face a um fenômeno de *adultização* da infância e *infantilização* do mundo adulto. As crianças contemporâneas perdem pouco a pouco a capacidade lúdica e criativa de dar sentido a seus tempos de vazio e ausência. Elas não possuem mais os meios de suportar o tédio pois é necessário estar todo o tempo conectados num movimento bulímico de preenchimento do buraco do vazio existencial. Diante deste fato, seus corpos encontram-se, frequentemente, num estado de passividade e imobilidade engendradas pelo excesso da linguagem binária virtual. A vivência das sensações corporais ligadas ao real é precarizada.

A fronteira entre o público e o privado encontra-se, igualmente, apagada pois a lógica em jogo está ligada à espetacularização de nossas ações através de um funcionamento marcado por uma *perversão ordinária* para retomar uma expressão de Jean Pierre Lebrun. A regra que rege esta economia é de *mostrar-se e ser visto, exibicionismo e masoquismo* coabitando o mesmo espaço. Estamos vivendo sob o julgo de uma grande injunção à exposição frenética de si mesmo nas redes sociais. Entretanto, por trás desta incitação a se mostrar, se desvelar, revelar o que comemos, o que compramos, as viagens que fazemos, etc., o instrumento virtual permite uma espécie de isolamento protetor, como si o *excesso* de conexão viesse preencher o *vazio* existencial. Este aparece como um derivado da solitude humana, secreta condição da angústia fundamental, afeto que nos reenvia à condição do nada, posição vivida pelo sujeito contemporâneo que encontra-se reificado e engolido pelo imperialismo dos objetos. O que conduz Zygmunt Bau-

man a dizer que estamos, paradoxalmente, numa grande solidão, e ao mesmo tempo, envolvidos de uma grande multidão.

No mundo pedagógico percebemos, igualmente, uma crise da autoridade do professor num mundo onde o acesso à informação está na palma da mão. Basta um clic no *google* e este motor de pesquisa viria a tomar quase que o lugar de « um *oraculum* divino », que substitue nossa capacidade a exercitar o esforço da memória. Esta instrumentalização vem colocar em questão a palavra emitida pelo professor que deve tornar-se ainda mais sedutor e criativo para conseguir captar a atenção dos alunos. Pensar implica então suportar o lugar da casa vazia, a saber, suportar o tempo de elaboração que se faz sempre no *après-coup*. A temporalidade do *après-coup* (*logo-depois*) nesta contemporaneidade líquida se redobra na pressa para obter aqui e agora a resposta à questão que nos ocupa o espírito. A capacidade da narrativa, a estabelecer uma narratividade em torno de um fato ou de um evento vivido fica comprometida. Nossa cabeça é « jogada na frente de nós mesmos, nesta caixa cognitiva objetivada »².

A posição psicanalítica caminha na direção oposta aos efeitos de sideração social os quais produzem identidades puramente ancoradas num excesso de imaginário patologizado encontrando suas origens no desdobramento da cultura dos « *selfies* ». O princípio regulador da psicanálise se demarca pela *pulsão de vida* que rege a condição humana, quer dizer, uma tentativa de ser *resiliente* face às adversidades do meio social que buscam de maneira subliminar, pela cultura do objeto e do discurso capitalista, alienar e subtrair o humano da sua essência fundamental, a condição de *ser de desejo* por que *ser da falta*. A psicanálise resiste pois garante a escuta da palavra, da enunciação, de um sujeito social que adocece, sintomatiza por que clama pelo reconhecimento de seu lugar de ser singular, validado por uma alteridade fundamental que o confere o lugar de Ser de Linguagem que para existir precisa garantir ao menos a salvaguarda de uma estrutura ternária.

Larissa Ornellas

2. Serres, Michel, *Petite Poucette*, Editions de Noyelles, Paris, 2012. P. 30.